

# Fidelidade aos seminários Guimarães Rosa

Clara Rowland\*

**A** minha relação com a obra de Guimarães Rosa, que desembocou num projeto de doutoramento sobre o autor que estou atualmente a preparar para a Universidade de Lisboa, está diretamente ligada à história dos Seminários Guimarães Rosa. Em 1998 encontrava-me no segundo ano de um curso de graduação em Línguas e Literaturas Modernas em Lisboa e vinha de uma fortíssima experiência de leitura de **Grande sertão: veredas**, quando vi afixado, num corredor da Faculdade, o cartaz do I Seminário, com a fotografia de Rosa preparando a sela de um cavalo. Ainda longe de poder concretizar qualquer projeto de investigação, acolhi a proposta como um convite à viagem – viagem a um espaço onde pudesse reencontrar a força dessa leitura. Foi sem nada saber do Seminário e dos estudos rosianos que cheguei a Belo Horizonte, e o que vi e ouvi então foi decisivo para que não abandonasse a intuição de que era sobre Rosa que um dia iria trabalhar. Voltei de lá marcada pela amplitude do evento, pela sua abertura, pelas diferentes abordagens propostas, pela diversidade da programação cultural. Voltei encantada pelos contadores de histórias, os Miguilins ainda crianças, que mostravam através da sua expressividade natural, a quem vinha de um país onde Rosa é pouco lido e em geral tido como um autor “difícil”, que a suposta “barreira” lingüística do texto de Rosa se dissolvia numa dicção oral, mostrando o seu lado de jogo precisamente nessa escrita da fala, sempre lida e sempre ouvida; e fascinada com a dimensão que os estudos rosianos adquiriram pelos quatro cantos do mundo – dimensão nada visível em Portugal, onde Rosa, lido há algumas décadas, cada vez menos é conhecido e sobretudo trabalhado. A ida ao primeiro Seminário foi também, como para muitos outros rosianos, o ponto de partida para tentar levar mais longe essa atração, indo conhecer o Rio São Francisco e o

---

\* Universidade de Lisboa, Portugal.

interior de Minas, respondendo desse modo à dupla motivação inicial: o convite à leitura e à viagem.

Da segunda vez, em 2001, estava já a preparar o projeto de doutoramento quando voltaram a aparecer os cartazes pelo corredor da faculdade – dessa vez vim para o Seminário com toda a curiosidade de quem está a começar uma pesquisa e a individuar as áreas que exercem, para cada um, uma maior força de atração. A variedade das perspectivas presentes, a continuidade que um novo Seminário pressupunha – continuar a ouvir as estórias dos Miguilins, voltar a encontrar pessoas conhecidas entre sessões e intervalos e, sobretudo, acompanhar as novas direções que os pesquisadores iam apontando dentro da própria pesquisa – foram determinantes, em termos de bagagem, de conhecimento e de consciência dos caminhos percorridos e por percorrer. Em todos os sentidos, a ida ao segundo Seminário foi um regresso ao Rosa reforçando as bases de uma leitura crítica baseada nessa comum vontade, dos participantes, de *aprender a ler* Rosa. Proporcionou-me a possibilidade de apresentar um texto contendo as bases do futuro projeto. E foi também um regresso à leitura do mapa de Minas (Januária, Urucuaia, Parque Nacional Grande Sertão Veredas, Araçuaí).

Finalmente, pela terceira vez, pude deslocar-me, no verão de 2004, ao III Seminário, apresentando os primeiros resultados de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, com um conhecimento maior dos estudos rosianos e das suas diferentes perspectivas. A primeira sensação, neste segundo regresso ao local do crime (porque a obsessão que Rosa provoca nos seus leitores mais apaixonados tem um pouco dessa atração perigosa), foi a da familiaridade. Familiaridade com o espaço da PUC Minas, com a cidade (que para mim é sinónimo de Seminário Guimarães Rosa, mesmo com tudo o que nela descobri fora da PUC), com as salas e auditórios que durante uma semana são invadidas por todos os tipos de rosianos. Familiaridade também pelo acolhimento extremamente caloroso por parte das pessoas da organização, que sabem desde logo estabelecer vínculos e fomentar relações. Depois, surgiram algumas surpresas: o Seminário conseguiu superar, em número de inscritos e em comunicações, os anteriores; conseguiu demonstrar que se tornou um ponto de encontro decisivo para o desenvolvimento dos estudos sobre Guimarães Rosa; e reformulou o seu funcionamento, em relação aos anteriores, de um modo extremamente interessante. Foram oferecidos mais mini-cursos, que permitiram a criação de grupos mais unidos e o aprofundamento que só uma série de sessões proporciona, um deles apresentando uma experiência inovadora cruzando leitura, aula e teatro (refiro-me ao mini-curso de Willi Bolle, “Um mestre que ensina a dialogar com o povo”); e todas as comunicações, com a única exceção das conferências de abertura e de encerramento, estavam organizadas em simpósios previamente formados. Esta nova dis-

tribuição eliminou as sessões matinais que caracterizaram os outros Seminários e que eram um ponto de encontro de todos os participantes, distribuindo a atividade deste Seminário mais pela tarde e pela noite (tendo sido as manhãs dedicadas à reflexão individual sobre o que se viu e ouviu no dia anterior, aos minicursos, a filmes, documentários, e às imperdíveis sessões dos Miguilins ao meio-dia) e tornou mais exigente a seleção dos simpósios; permitiu entretanto que os grupos reunidos em cada uma das salas entabulassem discussões levadas a cabo ao longo de toda a semana, aprofundando e desenvolvendo relações entre as diferentes comunicações. A abertura dos grupos permitiu também que, embora formados previamente, os investigadores que vinham de fora, como eu, fossem integrados no painel e calorosamente acolhidos pelo grupo. O Seminário foi também marcado pelas duas belas conferências: a informalidade densa da sessão de abertura por Davi Arrigucci Jr., revisitando o seu contributo essencial para o estudo do romance rosiano e cruzando, de forma extremamente viva, o Ugolino dantesco com o Aleixo do **Grande sertão**; e a construção habilíssima da conferência de encerramento, por Valquíria Wey, com uma releitura inovadora dos aspectos lingüísticos do conto “Meu Tio o Iauaretê”.

Embora, em relação ao Seminário anterior, se sentisse menos a presença de pesquisadores de fora do Brasil, a nível dos temas e das perspectivas escolhidas foi possível reparar um maior peso das abordagens comparatistas. Dentro desse quadro, é importante constatar o esforço de inclusão do Rosa numa abordagem mais geral das literaturas de expressão portuguesa: dois simpósios eram explicitamente dedicados a esse cruzamento. Nessa abertura, nessa vontade de inclusão da transdisciplinariedade em Rosa, os estudos interartes também marcaram presença. Curioso foi notar que a tentativa de responder através de uma abordagem comparatista à abertura e ao universalismo da obra de Rosa (presente, aliás, desde a referida conferência de abertura) se mostrou, também, nas peças apresentadas durante o Seminário: poucos ficaram indiferentes às referências a **Hamlet** na adaptação teatral do episódio de Maria Mutema, por exemplo.

Outra surpresa, que revelou também o crescimento do Seminário, veio do contato com estudantes que vinham à PUC em busca de um tema de pesquisa, em vias de começar a desenvolver um projeto, ou para pôr à prova as primeiras idéias para um trabalho, muitas vezes sem apresentar comunicação. Aí se percebe como uma iniciativa deste tipo pode ter uma forte função formativa. Importante foi também assistir a uma sessão extremamente ativa sobre os projetos ligados ao Rosa que transcendem a literatura: foram apresentados os primeiros resultados de um investimento cultural no interior de Minas que visa atualmente a criação de um circuito rosiano, favorecendo o desenvolvimento de atividades ligadas ao Rosa nas regiões onde são ambientadas muitas das suas estórias, mos-

trando mais uma vez a força dessa solicitação, que faz com que o leitor não se queira desligar, depois da leitura, desse mundo que lhe foi oferecido.

A maior surpresa de todas, porém, foi rever os Miguilins, mais crescidos, alguns já na universidade, ainda ali a contar histórias naqueles auditórios. O prazer nunca diminui, o poder narrativo, a cada Seminário, é restabelecido, devolvendo os ouvintes dos quatro cantos do mundo a essa emoção sempre renovada da palavra rosiana que faz com que nunca se possa, efetivamente, sair do livro. E é esse recomeçar, esse regressar, que os Seminários Guimarães Rosa sempre ofereceram e continuam a oferecer.